

O despertar do arquiteto

depoimento de
Alberto Barbour*



Figura da página anterior:
Croquis de figurino da peça
"Esperando Godot", Direção
Antunes Filho, 1977, autoria de
Jorge O. Caron. Fonte: Acervo
Jorge Caron. (Imagem acrescen-
tada pelos editores desta edi-
ção temática ao presente texto)

Se vocês estão lendo este texto, é porque a generosidade e paciência dos editores suplantou os seguidos atrasos a que este foi submetido. Foi muito difícil encontrar a abordagem correta para falar desta figura enigmática e multifacetada chamada Jorge Caron.

Por uma enorme gentileza do destino, tive uma convivência intensa com ele, de 1997 a 1999, como aluno e como aprendiz desta "profissão de velho", como ele gostava de repetir. Por um grande privilégio, ele foi com a minha cara de imediato, por razões que jamais terei a pretensão de descobrir. Eu era um aluno no máximo mediano, e com bastante dúvidas se chegaria ao final da graduação. Não sei, de fato, o que ele viu em mim. A proximidade que me foi permitida, entretanto, tornou-se com o tempo uma revelação, uma admiração e reverência profunda a um jeito de ler o mundo – e a arquitetura contida nele.

Através da prática projetual em conjunto, revelou-se um dinâmica onde a leitura do contexto suplantava em muito ação projetual – esta sendo uma rajada fulminante de ideias e soluções em sessões muito breves, no que ele gostava de chamar de "estado alterado de consciência" – para depois voltar a se desdobrar em camadas de soluções técnicas (mas sempre poéticas). Ali entendi que multifacetado não era propriamente o Caron, mas sim sua abordagem, sua forma de ler o mundo a partir de ângulos diversos e surpreendentes, pontos de vista de quem sabia escolher a melhor pedra para apreciar a paisagem.

Ao contrário de sua famosa *boutade*, Caron sabia muito bem o que era arquitetura, e sabia melhor ainda como transmitir a essência dessa pensamento-método-visão de mundo.

Minha trajetória na vida entre pranchetas - por incríveis coincidências, se assim quiserem entender - nunca se afastou do universo mental e espiritual daquele breve momento da minha vida onde tivemos nossas trocas quase diárias. Personagens da sua trajetória se cruzaram com a minha, temas projetuais reverberam até hoje conversas de décadas atrás.

Sim, eu sou essa pessoa que até hoje se pergunta, diante de impasses de projetos, o que o Caron faria. Não tenho a pretensão de emular respostas à altura, mas a simples magia de evocar o velho mestre em minha memória ativa um modo de pensar arquitetura que joga uma luz diferente no mundo. Acho que essa era a ideia dele, e provavelmente o dos nossos pacientes editores aqui, ao convocar um não acadêmico para assumir esse pequeno Risco: evocar a memória, uma memória, que venha a se juntar a outras para formar novamente a multifacetada – talvez nem sempre coerente, mas repetidamente brilhante – de Jorge Caron.

* Alberto Barbour é Arquiteto e Urbanista, Arquiteto na empresa de arquitetura Studio Barbour.

Assim como em sua tese de doutorado, em que pediu licença para escrever um capítulo todo em primeira pessoa, por contar sua experiência de um teatro projetado e nunca terminado (outra experiência/coincidência que nos une) reitero aqui o pedido de licença com a certeza de que minha contribuição é justa em medida do que eu puder refletir, da minha pedra, a luz do farol que me acertou continuamente no fim dos anos noventa.

“Façam isso... Botem uma cadeira em qualquer esquina – digamos a daquela catedral horrorosa. Sem sair dela, vocês têm de aprender a ler a cidade inteira. O que são aqueles fios todos? Para que servem? Esses postes, todas essas tampas na calçada. O que mais determina a paisagem? Escolhi um lugar com árvores menos mixurucas, para facilitar. É o seguinte: ou o arquiteto sabe ler a cidade inteira sentado em uma esquina, ou ele não serve para nada.”

Escolhi este, dentre inúmeros aforismos proferidos em sala de aula, porque ele reaviva valores sem os quais qualquer memória do Caron seria mais que inexata, superficial.

O primeiro destes valores, a leitura de projetos como a ferramenta suprema do arquiteto. Se não é possível escrever sem antes saber ler, a linguagem da arquitetura se revela desafiadora porque demanda uma interpretação direta, não mediada, entre o protagonista e palco da narrativa. Ou bem enxergamos as intenções emprenhadas em planos, materiais, e caminhos, diante de nossos olhos, ou não há Virgílio que nos guie no mundo das pranchetas – correndo o risco de ampliar no mundo o inferno que Marco Polo tentava desviar, nas andanças imaginárias de Ítalo Calvino.

Sua paixão pela leitura dos artefatos arquitetônicos que deixamos pelo mundo em qualquer época ou contexto, e apresentadas em rudimentos de croquis ou em experiência direta, refletia sua obsessão de criar em seus discípulos um domínio dessa língua estranha, para que pudessem também escrevê-los, dotados de poesia e sentido.

Sua implicância com a forma que a história da arquitetura se apresentava no curso não era exatamente um segredo, e alinhava-se a este temor, de que, apresentada massivamente antes do domínio básico da nova linguagem, embotasse nos jovens arquitetos um temor de encontrar a própria voz, e conseqüentemente, a própria vez.

A frase-aula, que guardarei com nitidez na memória para sempre, revela também a predominância que a paisagem tinha em sua mente, em relação à arquitetura, sendo esta antes de tudo e inescapavelmente, um *posicionamento* diante daquela.

Aqui entra a capacidade de ler o mundo – a topografia, o clima, os acidentes geográficos e a forma como a cultura se assentam sobre cada um destes territórios. Em sua famosa aula sobre o Museu do Mar, no Japão, praticamente não existe fronteira entre o compasso que lê a paisagem e a arquitetura que se assenta nela, ou dito de outra forma, não há leitura possível de arquitetura sem a contraparte paisagística. Seu amor pela arquitetura japonesa vem em grande parte dessa simbiose única que ali se estabelece, o que me faz pensar em ainda outra aula.

“Vocês veem esta ponte de concreto e pensam, que bonita. Eu vejo uma catástrofe. Vejam agora as fôrmas de madeira que levam à construção dessa ponte. Percebem que precisaram construir uma ponte linda, com todos esses encaixes que lembram um palácio japonês, e depois a destruíram a marretadas, para que essa coisa bestial pudesse nascer? Eu falei dos japoneses, agora vejam essa imagem. Uma pedra, precisamente colocada sobre um córrego, de forma que a água continua correndo por uma saliência enquanto as pessoas passam por cima. (silêncio) A pedra já é a ponte.”

Aqui entram em cena outras duas dimensões sem as quais estas memórias não se fechariam. A abordagem japonesa da arquitetura, e a sua leitura da evolução tecnológica – sempre, é claro, conforme a nossa interação.

Caron sabia que a industrialização acelerada dos elementos construtivos, que ainda era incipiente naqueles anos noventa, perto do que viria a se tornar – aumentava, cada vez mais, o desafio dos arquitetos em materializar uma intenção poética. Em um aparente paradoxo, devorava inovações, sempre a procura de materiais e tecnologias que viabilizassem soluções de maior potencia poética. O que via acontecer porém, e o irritava, era um deslizamento confortável do mercado em soluções prontas, e pior, retirando dos novos profissionais a responsabilidade de desenhar, com intenção, cada elemento. Entre o garfo e a cidade, tinha uma janela – e ela já estava “pronta”.

Em um dos projetos que atuamos juntos, quando professores e alunos tiveram a oportunidade de propor soluções melhores para os não muito ambiciosos prédios que os campi do interior abrigavam – um programa chamado Pró-Salas, capitaneado então pelo professor Manoel Rodrigues Alves – nos deparamos com uma situação inusitada, em que uma possível solução seria criar, para um auditório, um caixilho acústico deslizante. Sugerir sem convicção nenhuma, já na expectativa de algum sarcasmo como resposta. A resposta foi um enigmático “vamos dar um pulo em casa”. Lá, pousou à mesa um enorme livro sobre o Palacio Katsura, que ele mesmo folheava com uma solenidade que implicava ao convidado que uma distância segura era recomendada. “Aqui. É isso aqui que você quer fazer. Esses painéis. Os japoneses conseguiram fazer há 300 anos, mas agora...” Ele já sabia que não faríamos (como de fato, não conseguimos) mas a simples possibilidade de re-desenhar um caixilho centenário era suficiente para nos deslocarmos pela cidade, e ilustrar essa sua visão sobre tecnologia, o suposto paradoxo de alguém que se empolgava com novas ligas metálicas e com detalhamentos medievais *ao mesmo tempo*.

O exemplo do nosso malfadado caixilho não é aleatório aqui, ele ilustra esta perspectiva que demorei para capturar: o papel das novas tecnologias, em seu ponto de vista era justamente o de viabilizar que recuperássemos, quando pertinente, a essência das soluções que se provaram universais ao longo do tempo. Não há forma de se preservar uma cultura que não seja reinseri-la no presente, e não há forma de projetar o presente sem fazer uso da tecnologia disponível. Na corda bamba deste canion, cabia ainda o olhar carinhoso para a cultura.

Quanto ao seu amor pela arquitetura japonesa, é melhor beber direto da fonte como no já citado texto-aula sobre o Museu do mar, ou na sua tese sobre o teatro desmontável de Tadao Ando. Não era bem o “minimalismo” japonês que o movia, mas uma espécie de “essencialismo”. Talvez a barreira da linguagem tenha feito da

arquitetura japonesa seu desafio particular, leitura espacial pura, e o rigor projetual ali encontrado, da decantação de intenções até seus elementos mais fundamentais, gerava encantamento que ele aproveitava qualquer ocasião para reproduzir.

“O asfalto é uma cola muito dura”, puxou certa vez a conversa, enquanto viajávamos entre São Carlos e Ribeirão Preto, a quase duzentos por hora, debaixo de chuva – o que para ele (e para mim) era o correto e trivial. “É para ser elástico mesmo, mas não para enrugar desse jeito. Isso aí e cola derretida, e ninguém consegue resolver. Exceto o Japão”. E dali emendou uma explicação que envolvia rochas vulcânicas, o clima particular das ilhas, e a famosa e infinitesimal paciência da indústria japonesa na busca da perfeição.

Assim era no fim dos anos noventa, para quem teve o privilégio de estar no lugar certo, na hora certa. Enquanto arquitetura seguia sendo uma língua estrangeira entre os alunos, tínhamos aulas semanais de japonês em braile. Como escreveriam esses futuros arquitetos era sua principal preocupação, e ao redor disso girava seu ofício de professor. Naquele universo das Letras Arquitetônicas, sua preocupação sempre esteve sobre o sentido do que ainda seria dito.

Se hoje consigo dizer algo nessa linguagem estranha, foi graças a ele. Caron sabia que era preciso despertar arquitetos dentro das pessoas, e isso ele fez com maestria, até o ultimo segundo. A cento noventa por hora, na chuva.

PS: A descrição do arquiteto brilhante ficara, como deve, para os colegas mais aptos. Mas aproveito para encerrar com ao menos uma nota sobre o ser humano extraordinário e generoso que foi o meu velho mestre.

Estávamos sentados no atelier, em uma manhã qualquer, conversando sobre algum projeto, quando entra o professor Azael Camargo, bastante contrariado: “Barbour! Só você não entregou seu relatório de pré-TGI! Não quer virar arquiteto não?!”

Caron levanta os olhos do papel, e por cima dos óculos, responde calmamente: “Azael...nosso amigo aqui já é arquiteto.”

Eu, que estava gaguejando alguma coisa em resposta parei, é só escutei um “Que elogio hein Barbour? Veja se entrega isso hoje!”, e foi embora. Caron só riu entre dentes, como sempre, e me disse “Vai lá resolver isso. Depois continuamos.” Era dezembro de 1999. Não nos encontraríamos de novo.

Posso dizer que após vinte anos de uma trajetória profissional muito feliz, toda vez que qualquer reconhecimento cruza nosso caminho, eu me lembro desse dia. Porque esta segue sendo a maior condecoração possível, e fonte inesgotável de energia para seguir a jornada.